

# Islamismo Radical e *Jihadismo* em Marrocos

José Augusto do Vale Faria<sup>1</sup>

Durante décadas considerou-se que Marrocos era um território imune ao *jihadismo* terrorista que eclodia noutros espaços geográficos muçulmanos e, também, fora do mesmo. Os atentados de Casablanca, em 2003, e Madrid em 2004, despertaram-nos abruptamente do sonho: os seus autores, na sua maioria, eram marroquinos de procedência social e de formação profissional e intelectual muito díspares. Esta breve análise visa descrever a componente marroquina do anel operacional da Al-Qaeda, que está a rodear e a ameaçar a Europa, tendo como fonte principal um excelente trabalho de *Mohamed Darif*, Professor Catedrático de Ciências Políticas, na Universidade Hassan II de Mohamedia, em Marrocos.

## Situação Geral

O Magrebe<sup>2</sup> tornou-se uma área de crescente instabilidade, por diversos motivos, destacando-se actualmente, as dificuldades nos processos de transição para a democracia, o lento desenvolvimento das suas economias, com algumas nuances entre cada um dos cinco países e, por último, o aparecimento de correntes islamistas fortemente implantadas na região. A isto podemos acrescentar o elevado crescimento demográfico operado nas respectivas sociedades e um certo grau de resistência à mudança social, talvez influenciados pelo *boom* islamita e as fortes taxas de analfabetismo – elevado na Mauritânia e Marrocos, moderado na Argélia e Líbia e um pouco menor na Tunísia.

Relativamente a Marrocos, os seus problemas domésticos derivam, em grande parte, da sua política interna, porquanto foi o apoio inadvertido do estado às fontes ideológicas do islamismo radical que lançou as bases para a vaga do moderno terrorismo marroquino. Durante a década de 1980, o Estado incentivou a importação da corrente mais literal, rigorosa e inflexível do Islão, a doutrina *Wahhabita*<sup>3</sup>, para contrariar a crescente ameaça do islamismo político, preservar os seus enormes privilégios e perpetuar o poder, porquanto, a monarquia tinha todas as razões em olhar favoravelmente esta corrente salafista, que advoga o puritanismo e despreza a modernidade. A mais proeminente figura desta corrente foi *Fqih Zamzami* de Tânger, um grande orador, cujos sermões contra a imoralidade, a injustiça e a corrupção na década de 1970 e 1980, tiveram um enorme impacto entre os

descontentes. Embora amplamente saudado como um crítico da decadência, *Zamzami*, apesar de destemido, tinha cuidado em não ultrapassar os limites da liberdade de expressão, fixados pela monarquia, ou desafiar a ordem existente. Mas isso, não significava que as suas declarações e pronunciamentos, não tivessem conotações e objetivos políticos. As suas prédicas visavam a prossecução de um *ethos* social de liderança “moral” capaz de influenciar os titulares do poder, a moderar as suas tendências autoritárias, corruptas e imorais. Esta nova forma de salafismo importado diferia significativamente do salafismo marroquino, compreendido entre 1925 e 1954, personificado por *Allal al-Fassi*, líder religioso e nacionalista do Partido *Istiqlal* (Partido da Independência, de matriz nacionalista e conservador) que defendia a identidade árabe e islâmica de Marrocos, contra os ataques do colonialismo europeu e da “heresia” do sufismo<sup>4</sup> e eremitismo, através da promoção da ortodoxia das escrituras. Isto girava principalmente em torno da famosa injunção islâmica de “*al-amr bil-ma 'ruf wa-nahyu 'ani al-munkar*” (impondo o que é bom e proibindo o que é condenável). Esta obsessão com a boa conduta dos indivíduos, teve eco em amplos sectores da população, essencialmente pobre e que vivia nos subúrbios sobrelotados, na sua maioria menosprezados pelo estado e com poucos ou nenhuns serviços públicos básicos, tais como água, electricidade, telefone, instalações escolares ou sanitárias.<sup>5</sup>

Ideologicamente, as formas marroquinas do Islão, oficiais e populares, são incompatíveis com a doutrina *wahhabita*. No entanto, por motivos políticos e financeiros, Marrocos, permitiu que personalidades religiosas sauditas financiassem grande parte das 35.000 mesquitas do reino, em Tânger, Casablanca, Fez, Salé, Marraquexe e Tétouan. Segundo *Antoun Basbous*, que já investigou o financiamento saudita de instituições religiosas em Marrocos, 70% das mesquitas em Casablanca, foram construídas com dinheiro saudita e, em cada mesquita, formaram-se redes de missionários, dirigidas por emires, apelando aos muçulmanos para se juntarem à *jihad* no estrangeiro (Afeganistão, Bósnia ou Chechénia), invocando o princípio de “impor aquilo que é justo e proibir o que condenável”, no seu próprio país. Só mais tarde, após os atentados suicidas em Casablanca, as autoridades marroquinas perceberam o poder que possui este princípio religioso.<sup>6</sup>

### **O princípio de "impor o correcto" (*al-amr bil-ma 'ruf*)**

Os grupos políticos islâmicos no Médio Oriente e no Norte da África, quer por força das

pregações religiosas através da *dawa* pacífica (proselitismo), ou através do derrube violento da autoridade pela *jihad*<sup>7</sup>, justificam a criação do *al-dawla al-Islamiya* (Estado islâmico) ao abrigo do princípio de *al-amr bil-ma 'ruf*. A dimensão e o significado moral deste princípio na legitimação de protesto dos movimentos islâmicos na região passaram despercebido para a maioria dos analistas. Apesar de os líderes islâmicos denunciarem frequentemente as desigualdades sociais e a pobreza, é num contexto mais amplo, de impor o bom e proibir o imoral, no qual legitimam a sua acção política. Apresentam-se como guardiães de toda a ordem moral, e não simplesmente da igualdade económica e da justiça social.<sup>8</sup>

O preceito de *Al-amr mil ma 'ruf*, pode ser interpretado como uma obrigação de cada muçulmano para censurar qualquer comportamento imoral, corrigindo-o de imediato, e se necessário, recorrendo ao uso da força. Muitos muçulmanos que não compartilham, necessariamente, a interpretação literal do Alcorão (o livro sagrado dos muçulmanos) que fazem os grupos islâmicos radicais, contemplam esta fórmula como uma fonte de despotismo religioso, anarquia e violência, assim como, autoriza qualquer muçulmano a corrigir aquilo que aos seus olhos pode ser condenável. Este factor, está a tornar-se uma questão, particularmente sensível, nos países em que os grupos islamistas têm um amplo apoio popular e aumentam os ataques a pessoas que não se adaptam, ou cumprem, o que prescreve a *sharia*<sup>9</sup> (lei islâmica).<sup>10</sup>

### **A intolerância religiosa**

A denúncia formal das autoridades marroquinas da manipulação política que os extremistas fazem da religião, é hipócrita.<sup>11</sup>

Desde a independência, a monarquia e as autoridades públicas têm manipulado a religião para legitimar o poder político, desacreditando os movimentos liberais e de esquerda, assim como, reproduz relações ideológicas de dominação. A Constituição, a legislação, as políticas educacionais e a administração da esfera religiosa de Marrocos, contribuíram fortemente para a disseminação da intolerância religiosa. Uma das principais consequências é a ausência de debate formal, sobre o papel da religião na vida pública e na eliminação de qualquer esforço para reformar o Islão. A educação religiosa e os conteúdos da mesma são, arcaicos e sujeitos a manipulação ideológica. Nos manuais escolares abundam as referências religiosas violentas e polémicas (como o conceito de *jihad*, *ridda*<sup>12</sup>, *kuffar*<sup>13</sup>, *ghazw*<sup>14</sup>, etc.), como se o Islão fosse essencialmente uma religião de guerra e

ódio, assim como, é raro encontrar o oposto, ou seja, qualquer indicio positivo de outras religiões monoteístas, assim como, não contém qualquer referência à história pré-islâmica de Marrocos.<sup>15</sup>

Este cenário, permaneceu durante vinte e cinco anos, entre 1974 e 1999, enquanto Marrocos teve como Ministro dos Assuntos Religiosos, *Abdelkebir M'Daghri Alaoui*, muito próximo dos Irmãos Muçulmanos e que favoreceu a expansão do islamismo, pela sua atitude permissiva e laxista para com os radicais, a introdução de manuais escolares com a apologia de postulados ultraconservadores e ainda por não censurar os sermões radicais que circulavam livremente por todo o país em cassetes vídeo. Gustavo de Aristegui, refere que o radicalismo islamista, não se havia instalado de uma forma tão sustentada no reino, como desde a queda do império almóada, o que poderá ser relacionado, com a afirmação da identidade nacional, após a independência em 1956, acentuando-se a importância do Islão para o país, perfeitamente legítima, se fossem tomadas cautelas e medidas preventivas contra a penetração de ideologias radicais. Em 1979, foi criada a licenciatura em Estudos Islâmicos, para tentar aumentar o controlo sobre os líderes religiosos, mas sem êxito. Ao invés, estes novos licenciados (cerca de 30.000, a que se juntaram os alunos, formados pelas mais de 500 escolas teológicas espalhadas pelo reino) vieram agravar a situação, porque eram demasiados para serem absorvidos pelo mercado, o que os converteu em desempregados qualificados e muito propícios a serem arrastados pelas ideias mais radicais, utilizando o Islão como uma forma de protesto contra o que eles percebem, como um poder político corrupto e injusto.<sup>16</sup>

Durante as décadas de 1980 e 1990, esta onda de fundamentalismo apolítico, puritano, e conservador, beneficiou muito com a globalização e o aumento de alienados, gerados pelas dolorosas políticas económicas e financeiras, dos programas de ajustamento estrutural, promovidas pelo Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial. Neste ambiente o *salafismo*<sup>17</sup> *wahhabita* demonstrou ter capacidades em manipular slogans, gerar situações e adaptá-los aos seus objectivos, usando redes de fachada ou mesquitas temporárias, consolidando desta forma, a sua capacidade para divulgar a sua ideologia e operar nos subúrbios das grandes cidades do reino. Mas ao contrário das imagens populares, do senso comum, o suporte ideológico do moderno *jihadismo* marroquino, assenta essencialmente, num conjunto multidisciplinar de intelectuais, políticos e tendências ideológicas, do que no proclamado pela doutrina, Salafista Wahhabita. O fenómeno da *Salafiya Jihadiya*<sup>18</sup> pode

ser entendido, pela mistura da tradição saudita, de militância *wahhabita* agressiva e da ideologia revolucionária do egípcio, *Sayyid Qutb*. Esta fusão do *Wahhabismo* com a ideologia proclamada por *Qutb* começou com a guerra contra os soviéticos, gerando a “mentalidade de *jihād*” que teve um profundo impacto sobre o contingente de *mujahedin*<sup>19</sup> marroquinos no Afeganistão.<sup>20</sup>

Em termos organizacionais, podemos considerar a existência de dois níveis no salafismo marroquino: por um lado os seguidores dos seus clérigos e ideólogos, entre os quais se incluem os xeques *Abu Hudeifa (Ahmed Rafiqi)*, *Abu Hafis* e *Hassan el Kettani*, que foram doutrinados por alguns dos mais destacados representantes do Salafismo internacional como os sauditas *Ibn Al Baz*, o xeque *Al Bani* ou o xeque *Al Hawali*. No segundo nível, situam-se as células violentas, activas, principalmente em centros urbanos, como Casablanca, Salé, Tânger, Tétouan, Nador ou Meknès, tendo esta última um notável activismo nos últimos anos. Estes grupos e células combinam o uso da violência - diária contra apóstatas e ocasionalmente, em confrontos contra membros das forças de segurança – com actividades de delinquência comum.<sup>21</sup>

### **Análise sócio-política do reino**

O espectro sócio-político da região, segundo os padrões ocidentais, é angustiante, especialmente se olharmos para os seus regimes políticos, desde uma monarquia teocrática em Marrocos, a ditadura Líbia, o regime autoritário de partido único na Tunísia, o directório militar na Mauritânia e um sistema multipartidário controlado pelo partido dominante na Argélia.<sup>22</sup> Em 1993, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) urbano, colocava Marrocos em 95º lugar, num total de 174 países analisados e relativamente ao IDH rural, situava-se em 9º lugar, num universo de 141 países. Em 2001, Marrocos desceu para 126º neste ranking, em que, aproximadamente, 19% dos 29 milhões de marroquinos, viviam abaixo do limiar de pobreza, fenómeno essencialmente rural (25% da população) e cerca de 50% da população era analfabeta. Estas assimetrias, entre zonas rurais e urbanas, são similares em matéria de desemprego,<sup>23</sup> havendo mesmo, alguns líderes que falam em choque de civilizações, no interior de Marrocos.<sup>24</sup>

O centro de estudos norte-americano, PEW Center for the People and the Press, publicou em Março de 2004, um estudo de opinião que analisou a opinião pública, um ano após o

derrube de Saddam Hussein, tendo como amostra, oito mil cidadãos de nove países. Em Marrocos, foram realizadas 1000 entrevistas, a adultos com idades compreendidas entre os 18 e os 59 anos, em zonas predominantemente urbanas (Rabat, Casablanca, Fez e Marraquexe) entre 19 e 24 de Fevereiro de 2004. Algumas das perguntas que compunham o estudo incidiram sobre a tolerância religiosa, na atitude para com os judeus e os cristãos e a justificação moral do uso da violência para fins políticos.<sup>25</sup>

As conclusões sobre o inquietante avanço do islamismo radical nos quatro países islâmicos escolhidos, dois árabes (Jordânia e Marrocos) e dois não árabes (Paquistão e Turquia) são muito reveladoras. Dos marroquinos entrevistados, 45% disse ter uma opinião favorável ou muito favorável, acerca de Bin Laden, 60% apoiava os atentados suicidas contra as tropas da coligação ocidental no Iraque. Mas o mais surpreendente do estudo foi a elevada percentagem de marroquinos que afirmavam ter má opinião dos cristãos (e não só do ponto de vista religioso, porque no mundo islâmico muitas vezes os termos «cristão» e «ocidental» são considerados equivalentes), 73% dos entrevistados tem uma opinião muito desfavorável, e apenas 2% revela uma opinião muito favorável. O nível de repúdio dos judeus é ainda maior: 92% declara ter uma opinião muito desfavorável, e apenas 1% muito favorável, sendo de longe, o maior nível de repulsa dos quatro países islâmicos onde se realizou a sondagem. Marrocos ultrapassa, no seu nível de repulsa, o Paquistão (bastião *jihadista*), no qual as percentagens são de 62 e 80%, respectivamente. Estes indicadores devem servir de aviso para a comunidade internacional em geral e a Europa em particular, pois é em Marrocos que os níveis de repulsa, relativamente aos cristãos e ao Ocidente, mais cresceu e são mais elevados, o que poderá ter consequências, potencialmente muito graves, para a estabilidade de Marrocos e da região, que é do máximo interesse para a Europa e sobretudo para a Península Ibérica.<sup>26</sup>

### **Génesis da organização radical**

Marrocos assiste ao nascimento, em 1969, da primeira organização religiosa, inspirada pelo islamismo radical que preconiza a violência: a *Shabiba Islamiya* (Juventudes Islâmicas), fundada por *Abdelkrim Muti* era constituída por dois vectores - o predicador e o militar, sendo *Abdelaziz Nuamani* o responsável por este último. Em 1981, *Abdelkrim Muti*, separou-se para criar um novo grupo militar, designado Facção de Combate. Em 1984, *Nuamani* fundou um novo grupo - a Organização dos Combatentes Marroquinos.

Entretanto, a Facção de Combate fracassou em duas ocasiões, quando tentou executar atentados em Marrocos nos anos de 1983 e 1984, factos que motivaram *Muti* a renunciar definitivamente à violência. Por seu lado, na sequência do desaparecimento de *Nuamani* de cena em 1984, a Organização dos Combatentes Marroquinos interrompeu a sua actividade. Embora estas organizações continuassem a manobrar no interior de Marrocos, alguns ex-militantes da *Shabiba Islamiya*, entre eles, *Abdelilah Ziyad*, fundaram em 1993, na Europa, outra organização radical islâmica, designada “O Movimento Islamista Combatente” que actualmente, é o grupo de maior actividade. No entanto, continua a ser muito difícil compreender as estruturas, a liderança e o grau de implantação deste grupo no país, pelo que, os observadores apenas têm sido capazes, de formular hipóteses e interrogações sobre o grupo. Na realidade, a questão é saber se estamos perante um grupo que está em gestação, ou antes, uma organização acabada antes de começar a trabalhar. Qual é o alcance de cada uma das designações atribuídas a este grupo, muitas vezes chamado Grupo Islâmico Combatente, outras Grupo Marroquino Armado, às vezes Grupo Islâmico Armado e ainda Grupo Combatente Marroquino? Que significado pode ser atribuído a estes diferentes recursos? Será que a realidade desta organização é muito complexa ou que os seus dirigentes são mestres na arte da astúcia e da dissimulação?<sup>27</sup>

Os antecedentes da sua criação foram o caos organizativo e a submissão cega, factores determinantes no processo que conduziu à criação da organização, estando o primeiro, intimamente ligado à presença dos combatentes marroquinos no Afeganistão e o segundo, relacionado com a nova estratégia adoptada por Bin Laden após a tomada do poder pelos estudantes islâmicos no Afeganistão.<sup>28</sup>

A presença de combatentes marroquinos no Afeganistão pode ser estabelecida em três fases fundamentais:

(1) Uma primeira fase, entre 1979 e 1989, no decurso da primeira guerra contra a União Soviética. Durante este período, milhares de árabes afluíram ao Afeganistão (quase vinte mil), sendo a sua maioria proveniente, do Egipto, da Argélia e dos países do Golfo. Os marroquinos não eram muito numerosos e apenas começaram a aderir à causa afegã, precisamente em 1989, nos finais do conflito, integrando na sua maioria, organizações humanitárias. Entre os primeiros a chegar, encontram-se *Ahmed Abdallah Tbarek e Rafiki*, cujo apelido é *Abou Hudaifa*.

(2) A segunda fase situa-se nos anos de guerra civil, entre 1989 e 1996. Este período é caracterizado pelo crescimento de animosidade dos combatentes afegãos contra os árabes, a quem acusam, de obstruir a reconciliação nacional. Esta fase também é caracterizada, pela pressão imposta pelo governo paquistanês, instando-os a abandonar a sua base, em Peshawar<sup>29</sup>. Perante esta situação, os combatentes árabes deslocaram-se para o Iémen, a partir de 1992, facto que ficaria designado por “fluxo de árabes afegãos”.

(3) A terceira fase começa com a subida ao poder dos taliban<sup>30</sup>, em 1996, e o regresso de *Osama bin Laden* ao Afeganistão. Este período é caracterizado pela presença crescente de operacionais marroquinos no Afeganistão, vindos directamente de Marrocos e que ficaram deslumbrados com a propaganda religiosa dos talibãs, optando por ficar definitivamente no “Emirado Islâmico”.<sup>31</sup>

Em 1996 *Bin Laden* regressou ao Afeganistão, com a intenção de transformar este país num feudo revolucionário que poderia derrubar vários regimes árabes e islâmicos, considerados corruptos, injustos, ímpios e apóstatas. Para alcançar este objectivo, selou uma aliança estratégica com o poder taliban, tendo em 1998, prestado juramento de fidelidade ao *Mullah*<sup>32</sup> *Omar* e, decidiu reestruturar a organização, no sentido de a tornar mais coesa e de acordo com a nova estratégia, porque os árabes afegãos partilhavam uma visão diferente e só foram unidos por uma causa: a guerra contra a União Soviética. Neste período *Bin Laden* assume-se energeticamente Salafista e Wahhabita, assegurando o apoio incondicional do regime do *Mullah Omar* que é absolutamente Wahhabita, tendo este decidido impor, até mesmo aos árabes afegãos, a submissão a *Osama bin Laden*. Para os árabes afegãos, o ano de 1998 foi marcado por um duplo juramento de fidelidade, um ao *Mullah Omar* e outro a *Bin Laden*.<sup>33</sup>

O corolário da homogeneidade e coesão, promovido por *Bin Laden*, foi o conceito de “verdadeiro muçulmano”, que é essencialmente Salafista (Wahhabita). Este conceito define a pessoa que pratica a *jihad*, mas não contra si próprio ou contra Satanás, mas principalmente contra os inimigos, ou seja, a luta armada. Com esta definição podemos compreender por que razão os salafistas, criticam duramente, as organizações islamistas que defendem uma mudança pacífica e utilizam a participação política como estratégia,



assim como, criticam duramente, todas as organizações que só defendem a luta armada como um último recurso. Esta estratégia de *Bin Laden*, baseada em organizações de âmbito “local”, foi perceptível porque este não se limitou a ser o líder dos árabes afegãos, desejando liderar a *Salafiya Jihadiya*, levando a que deste modo, os seus seguidores se designassem salafistas do mundo árabo-muçulmano e da Europa. Desta forma, foi delineada uma fronteira clara, entre o salafismo e a corrente dos árabes afegãos.<sup>34</sup>

No início dos anos noventa, do século passado, veteranos marroquinos regressados do Afeganistão criaram a rede *Salafiya Jihadiya*<sup>35</sup>, liderada então por doze elementos, incluindo *Mohamed el Fezzazi*<sup>36</sup> em Tânger, *Omar Hadouchi* em Tétouan e *Zakariyya Miloudi* em Casablanca. Em Setembro de 2002, estimavam-se em cerca de 400 militantes activos, na rede, dispostos ao martírio, como viria a acontecer, em Maio de 2003 em Casablanca. *Zakariyya Miloudi* foi considerado o líder supremo da rede, até à sua prisão em Agosto de 2002, incentivando os seus seguidores, na prossecução de acções violentas, contra os agentes das forças de segurança, traficantes de droga e alcoólicos.<sup>37</sup>

Em 23 de Fevereiro de 1998, *Bin Laden* anunciou a primeira «declaração de guerra contra os cruzados e os judeus»<sup>38</sup>, num período em que o movimento Salafista já estava muito forte, em vários países, onde existiam organizações locais operacionais. No âmbito da nova estratégia, o combate substitui a *jihad*, seguindo o exemplo do Grupo Islâmico Combatente Líbio ou do Grupo Salafista para a Predicação e o Combate na Argélia<sup>39</sup>. O interesse levantado pela criação de organizações de âmbito local motivou o grupo líbio a recrutar combatentes salafistas marroquinos sedeados na Europa, como prelúdio para a criação de um grande reagrupamento magrebino. O processo que se iniciou no final da década de oitenta, do século passado, finalmente deu origem, ao Grupo Islâmico Combatente Marroquino (*Al Jamaa al Islamia Al Moujahida Fi Al Maghrib*, daqui em diante GICM).<sup>40</sup>

### **Criação do Grupo Islâmico Combatente Marroquino**

Os atentados de 11 de Setembro de 2001, nos Estados Unidos da América, marcaram um ponto de viragem para o GICM que desde então implementou nas suas acções, normas e procedimentos organizativos muito cautelosos. Desde o início da organização e até 2001, limitou-se a fornecer apoio logístico aos militantes da Al-Qaeda, sobretudo garantindo alojamento em Marrocos, facilitando casamentos com cidadãs marroquinas ou

proporcionado documentos de identificação falsificados que lhes permitiam emigrar para a Europa. Contudo, após o 11 de Setembro nos Estados Unidos e a adesão de Marrocos à luta contra o terrorismo, a organização alterou a sua estratégia e optou por realizar acções terroristas, apenas no interior de Marrocos.<sup>41</sup>

De acordo com várias fontes, a criação do GICM remonta a 1998, mas Gustavo de Arístegui afirma que o grupo foi «formalmente» criado em Londres em 2002, por *Mohamed el Guerbuzi*, conhecido por *Abu Aisa*<sup>42</sup>. Ao longo de 1998, alguns militantes decidiram criar células para furto e falsificar documentos oficiais, cujas operações decorreram até 2002, quando foram detidos membros sauditas de uma célula adormecida (sleeping cell)<sup>43</sup> e começou uma ampla campanha de detenções de militantes salafistas, destacando-se os membros do grupo de *Zakaria el Miludi*, de *Abu Hafs* e de *Yusef Fikri*. Estas acções despoletaram uma maior colaboração e cooperação dos serviços de segurança marroquinos e os seus homólogos norte-americanos e europeus. Perante esta situação, o grupo optou decididamente por operações de martírio (acções suicidas), as quais exigem o recrutamento e selecção de “militantes” muito especiais. Esta estratégia, iniciada em 2002, motivou os atentados de 16 de Maio de 2003, em Casablanca, que foram um aviso de Bin Laden a Marrocos e iria, conseqüentemente, provocar uma alteração na estrutura de liderança. Todos os indícios indicavam ser *Mohamed el Guerbuzi*, o chefe da organização em Marrocos, mas como, *El Guerbuzi* não possuía as qualidades necessárias de um emir<sup>44</sup>, sendo por isso, destacado o papel desempenhado por *Karim el Mejjati*, até porque, se considera que formou a célula de *Yusef Fikri* e participou directamente na preparação dos atentados de Casablanca<sup>45</sup>.

### **Organização do Grupo**

Os dados disponíveis acerca da estrutura do grupo são muito escassos, mas deverá ser similar a outras organizações locais, filiadas na Al-Qaeda. Será liderado por um emir e terá vários comités especializados - como o Comité da *Shura*<sup>46</sup>, o Comité de Segurança, o Comité Militar, o Comité de Informação e o Comité de Relações Públicas. No entanto, é difícil definir se este padrão se aplica ao GICM, porquanto se mantém alguma ambigüidade sobre o nome do actual emir, sendo por vezes apresentado *El Guerbuzi*, outras vezes não. Alguns serviços de segurança sugerem-no como emir, mas para outros, é apenas o responsável pelas relações públicas do grupo. Relativamente à estrutura de base,

o grupo optou pelo método de células independentes, que se caracteriza, pelo facto de as células, serem completamente autónomas e independentes, não havendo qualquer forma de comunicação nem associações entre elas. Do mesmo modo, os seus militantes ignoram completamente a sua pertença a uma organização maior. Esta é a razão, pela qual se nomeia um emir, para liderar uma célula da qual é directamente responsável. Por conseguinte, estes operacionais agem como membros independentes de uma organização independente. É o sistema que pode ser aplicado ao grupo *Yusef Fikri* ou ao de *Abdeluahhab Rebbai*, de apelido *Errabaa*.<sup>47</sup>

Actualmente a Al-Qaeda, é uma extensa e complicada rede, a nível internacional, formada por dezenas ou centenas de células que actuam com maior ou menor autonomia, relativamente à liderança. *Bin Laden* e *Al Zawahiri* (o médico egípcio, número dois da organização) são actualmente símbolos, pelo que, em concreto, são as células que se encarregam de tudo, argumenta Mohamed Darif. Segundo este especialista, estes grupos articulam-se em três níveis: as células de planeamento, as células de coordenação e as células de execução.

- as primeiras seleccionam o objectivo;
- as segundas garantem o apoio logístico (finanças, especialistas em explosivos, etc.);
- as terceiras recrutam os operacionais para a acção.

Desta forma, o GICM é o braço operativo da Al-Qaeda na Europa (os atentados de Madrid e Casablanca foram planeados e realizados pela mesma célula do GICM), como refere *Darif*, indivíduos como *Abú Dahdah*, não cometem nunca os atentados.<sup>48</sup>

A falta de informações, relativas à verdadeira natureza desta organização, deve-se à sua grande capacidade de dissimulação. Para o efeito, o grupo utiliza dois métodos. O primeiro é o isolamento das células e o segundo consiste na gestão de recursos, recrutando novos operacionais, em grupos já existentes, em Marrocos ou noutros países. Por exemplo, o GICM está activo na Europa, através dos movimentos guerrilheiros islâmicos que *Abdelilah Ziyad*, um antigo militante do Movimento Islâmico da Juventude, fundou no início dos anos noventa, do século passado e que é responsável pelo tiroteio no hotel Asni, em Marraquexe, em 1994. Os serviços que este movimento presta ao GICM, geram, por vezes, alguma confusão e dificulta a distinção entre as duas organizações. Em Marrocos, o grupo beneficiou da organização *mujahedin* que *Abdelaziz Nuamani*, ex-tránsfuga do Movimento das Juventudes Islâmicas de *Abdelkrim*, criou em 1984. Os serviços prestados

foram de dois tipos e demonstraram a capacidade dos dirigentes *mujahedin*, em ocultar a sua identidade, durante muito tempo, após o desaparecimento de *Nuamani*. *Ali Buseghiri*, que foi o seu sucessor, tem vivido com identidade falsa há muitos anos, sob o nome de *Abdelaziz Semni*. Por seu lado, *Mohamed Nekkoui* regressou a Marrocos, no início dos anos noventa do século passado, com o nome falso de *Abdellah Oujdi* ou *Riffi*, vindo a ser detido por ligações com os atentados de 16 de Maio, em Casablanca. Por outro lado, revelam uma grande capacidade de recrutamento, como se verificou, quando muitos dos indivíduos detidos, pela sua adesão à *Salafiya Jihadiya* eram, na realidade, recrutas *mujahedin*, da mesma forma que Richard Pierre Robert<sup>49</sup>, criador de uma célula em Tânger, foi recrutado pela *Nekkoui*.<sup>50</sup>

### **Relação do GICM com a Al-Qaeda**

As duas organizações perfilham a mesma ideologia, *jihadista* e salafista, colocando a luta armada, como desiderato para atingir os seus objectivos, ou seja, a instauração de um Estado Islâmico. Contudo divergem na natureza do objectivo: a Al-Qaeda visa o inimigo longínquo (o Ocidente e os interesses estrangeiros nos países muçulmanos), enquanto o GICM, visa o inimigo próximo, ou seja a monarquia marroquina.<sup>51</sup>

O GICM tem proporcionado principalmente executantes, mas conhecem-se elementos com capacidades de planeamento, como o coordenador do 11 de Março de 2004, em Madrid, *Serhan Fejat*, o tunisino, que morreu numa explosão em Leganés<sup>52</sup>, segundo os ditames da Al-Qaeda para estas circunstâncias<sup>53</sup>. Os atentados nas estações de Madrid foram o resultado de uma colaboração entre o GICM e o grupo islâmico *Ansar*, liderado pelo jordano, *Abu Musab al Zarkawi*, ao nível do planeamento, onde foi demonstrada a dedicação, a eficiência, a competência e a valentia dos *jihadistas* marroquinos. A coordenação da operação foi assegurada pela célula do sírio *Abu Dahdah*, preso desde Novembro de 2001. Para realizar a operação, a Al-Qaeda necessitava de um coordenador principal, e não de um líder, sendo esta função, desempenhada por *Abdelmayid Meyati* (actualmente preso), a fim de assegurar a ligação entre o planeamento e a execução, como o demonstra o facto de estar presente em muitas das investigações efectuadas, em Marrocos a 16 de Maio, mas também, na Arábia Saudita, onde foi acusado pelos atentados bombistas em Riade, em Novembro de 2003.<sup>54</sup>

Nos primórdios da Al-Qaeda em 1996, não se encontravam marroquinos nos centros de decisão. Estes sempre foram executores, como por exemplo, *Zacarias Moussaoui* (considerado o vigésimo primeiro suicida, nos atentados de 11 de Setembro de 2001, nos EUA) ou os terroristas que causaram a morte do líder *Shah Massoud*, no Afeganistão. Contudo, os ataques de Madrid demonstraram uma “repartição” geográfica nas acções da Al-Qaeda, que tem três áreas principais, no Norte de África: Marrocos, Argélia e Iémen. No Iémen criou uma organização, o Exército de *Abian* (designação de uma região do país) para executar as operações na região do Golfo. Em relação a Espanha, ninguém melhor do que os cidadãos marroquinos, que falam a língua, estão integrados na sociedade, e não despertam a atenção das autoridades. Em França, no caso dos argelinos, muitos deles com nacionalidade francesa e bem integrados. Na Grã-Bretanha, recruta essencialmente paquistaneses. Esta estratégia, visa recrutar elementos bem integrados, nas sociedades em que se encontram e onde vão actuar<sup>55</sup>, dinamizando e potenciando o terrorismo de natureza autóctone (homegrown terrorism) e por conseguinte, torna muito mais árduo e complexo o trabalho das forças e serviços de segurança, na sua detecção e desarticulação.<sup>56</sup>

O GICM é um dos mais notáveis fenómenos do terrorismo, porque foi completamente desmantelado, em Marrocos, na sequenciada sua primeira acção - os atentados perpetrados em Casablanca, a 16 de Maio de 2003. Em qualquer caso, a sua estrutura na Europa, manteve-se apoiada em várias redes do mundo do crime (tais como, o tráfico de droga, dinheiro, ou pessoas), serviu de suporte para os atentados de 11 de Março em Madrid, atraindo e enviando combatentes para a *jihad* no Iraque (mais de 80 só em Espanha), e diversas tarefas de apoio logístico, financiamento, etc. Em 19 de Dezembro de 2005, o jornalista José Maria Irujo publicou no jornal *El Pais*<sup>57</sup> uma longa entrevista sobre a natureza e a presença do grupo *Takfir wal Hijra* (Excomunhão e Exílio) em Espanha, destacando principalmente a abertura de seis mesquitas (quatro em Barcelona e duas em Valência), onde refere que a maioria dos autores dos atentados de Madrid, partilhavam aquele credo. Irujo alegou também que relatórios dos serviços secretos franceses definem o grupo, como “o núcleo logístico da maioria dos grupos terroristas islâmicos que operam na Europa”.<sup>58</sup>

Marrocos, é provavelmente, o principal “fornecedor” de combatentes estrangeiros no Iraque, sendo desde 2003, o principal alvo de recrutamento da Al-Qaeda, no Magrebe, tendo a sua congénere na Mesopotâmia, elegido como um dos seus principais mártires, o

marroquino *Abou Oussama Al-Maghribi*<sup>59</sup>, que protagonizou o atentado ao edifício das Nações Unidas no Iraque, onde morreu o brasileiro Sérgio Vieira de Mello, Alto Representante do Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas.<sup>60</sup>

## **Ceuta e Melilla**

“As praças de Ceuta e Melilla, primeiro, e posteriormente a Península Ibérica e a Europa são, objectivos prioritários na nova estratégia da Al-Qaeda que se desenvolve no norte de África. Uma facção, como se constatou após os sangrentos acontecimentos na Argélia e em Marrocos, que é cada vez mais activa e perigosa. É por isso que considero que em Espanha, estamos perante um risco muito elevado de sofrer um novo ataque islamista. Por isso, temos de agir com extrema cautela e não podemos perder de vista o que se está a passar tão perto, do outro lado do Estreito.”

Estas são palavras duras, de advertência, que o juiz espanhol Baltasar Garzon, da Audiência Nacional, um pioneiro na investigação sobre terrorismo internacional de matriz *jihadista* islâmico, disse numa entrevista ao jornal *La Vanguardia*, acerca dos episódios de violência que ocorreram, na Argélia e em Marrocos.<sup>61</sup>

Fernando Reinares refere que a estratégia da Al-Qaeda, pretende restabelecer o Califado, recuperando todos os territórios que pertenceram ao Islão, desde Jerusalém até ao *Al-Andaluz*, como reiteradamente proclama, *Ayman al-Zawahiri*, o número dois da organização terrorista, considerando Ceuta e Melilla, “zonas de conflito”, como a Chechénia e a Palestina.<sup>62</sup>

Recentemente, Olivier Guitta considerou que Ceuta e Melilla serão os próximos pólos de confronto a empreender pelos *jihadistas*. A população muçulmana representa cerca de 38 por cento do total da população nos dois enclaves. Um novo partido composto de espanhóis muçulmanos, a União Democrática de Ceuta (UDC), foi fundado em 2003 e nas últimas eleições conquistou quatro lugares, o dobro dos alcançados pelo Partido Socialista, PSOE. E em 16 de Junho, *Fatima Hamed* da UDC, tornou-se a primeira espanhola muçulmana a usar o véu. *O Príncipe Afonso*<sup>63</sup> é um bairro da periferia de Ceuta, próximo da fronteira com Marrocos, quase exclusivamente muçulmano, tem cerca de trinta mesquitas e a grande maioria das mulheres, no bairro usam o véu. Mas o centro nevrálgico islamista está a desenvolver-se, tendo sido criadas 10 associações islamitas em Ceuta e seis

em Melilla, nos últimos anos, assim como, foi inaugurado um novo centro islâmico na cidade. Trata-se de uma sucursal da “Comunidade Islâmica *Suhail*”, sediada em Fuengirola, Espanha, e conhecida pela sua inspiração Wahhabita. É liderado por um imã fundamentalista egípcio que em Espanha foi condenado a 16 meses de prisão em 2004, por ter escrito um livro, apelando aos homens para baterem nas suas esposas. A sua pena foi posteriormente reduzida para apenas 22 dias.<sup>64</sup>

Explodir um navio, com turistas é um dos poucos sonhos que Bin Laden e os seus acólitos ainda não conseguiram, contudo esta ameaça é premente. Os ferries que cobrem a rota entre Tarifa, Algeciras, Gibraltar e o porto de Tânger, ou os que ligam Ceuta e Melilla à Península Ibérica, estão no centro das atenções dos terroristas, tendo a *Guardia Civil* detido há alguns anos, um islamista que possuía mapas e desenhos de um ferry-boat. Desde 2002, relatórios confidenciais do Exército Espanhol e de vários serviços de informações europeus, advertem, para a vulnerabilidade do Estreito de Gibraltar e, asseguram que os salafistas procuram atacar navios, civis ou militares “através de mergulhadores, lanchas rápidas tripuladas por suicidas, ou carros-bomba”. Esta ameaça estende-se aos ferryboats, que diariamente, transportam milhares de passageiros e mercadorias, entre os diferentes portos espanhóis.<sup>65</sup> Perante tal cenário e considerando a envolvimento de cidadãos marroquinos nos ataques terroristas de 11 de Março de 2004, em Madrid, o Magrebe e especialmente Marrocos, representam uma prioridade para o serviço de informações espanhol – o *Centro Nacional de Inteligencia*, CNI. Esta orientação estratégica começou com o reforço da sua presença em Marrocos, em Maio de 2005, porquanto, para Madrid, em termos de *intelligence*, Marrocos representa actualmente, o local mais importante do mundo, estando a operar cerca de 600 agentes do CNI em Marrocos.<sup>66</sup>

## **Principais acções directas do jihadismo marroquino<sup>67</sup>**

### **1994**

Primeiro atentado islamista em Marrocos, contra o hotel Asni em Marraquexe.

### **2002**

Detenção de um grupo ligado à Al-Qaeda, incluindo marroquinos e três sauditas, treinados no Iraque e no Afeganistão. Esta célula planeava atacar navios, britânicos e norte-americanos, em patrulha no estreito de Gibraltar, com embarcações semi-rígidas carregadas de explosivos, algo similar ao ataque ao USS Cole, em Outubro de 2000.

## **16 de Maio de 2003**

Cinco ataques suicidas, simultâneos (num espaço temporal de 30 minutos, das 22 horas locais), em Casablanca, capital económica de Marrocos, provocaram 45 mortos (incluindo os 12 bombistas suicidas), e cerca de 100 feridos. Quatro espanhóis, três franceses e um italiano incluem-se entre as vítimas do mais grave ataque terrorista, registado no reino magrebino. Os 14 autores, todos muito jovens, eram essencialmente marroquinos oriundos de Sidi Mumen, subúrbio de Casablanca e possivelmente um cidadão dos Emirados e um Saudita, embora não confirmados.

### **Ataque ao restaurante próximo do consulado belga**

- Dois bombistas suicidas tentaram entrar no restaurante italiano, perto do Consulado da Bélgica, na baixa de Casablanca, cujo proprietário era judeu, mas como lhes foi recusada a entrada, detonaram os seus explosivos na rua.
- Várias pessoas foram mortas e feridas
- Dois polícias que se encontravam no exterior do Consulado, foram mortos e um segurança foi ferido.

### **Ataque ao hotel Farah Magrebe (anteriormente conhecido como hotel Safir)**

- O atentado ocorreu, cerca das 21H30, hora local, quando um suicida foi parado por um segurança, à entrada Hotel Magrebe Farah, na rua do Exército Real, na baixa de Casablanca, e fez detonar os explosivos.
- O segundo suicida, não conseguiu fazer detonar os explosivos, sendo capturado pelas forças de segurança.
- O ataque provocou oito mortos e muitos feridos.

### **Ataque à Casa de Espanha (clube social espanhol e restaurante)**

- Três bombistas suicidas surgiram à porta da Casa de Espanha, sita na rua Lafayette, na baixa de Casablanca e detonaram os seus explosivos, provocando 20 mortos.

### **Ataque ao clube Circulo da Aliança Israelita**

- Um carro-bomba explodiu no Circulo da Aliança Israelita (que estava encerrado naquele momento), provocando três mortos, incluindo os dois bombistas suicidas.

### **Ataque ao cemitério Judeu**

- Um bombista suicida tentou accionar o seu dispositivo, num cemitério judeu, mas foi impedido e os explosivos foram detonados a alguma distância do cemitério.

## **11 de Março de 2004**

Os atentados em Madrid, foram executados principalmente por marroquinos.



**2007**

**11 de Março**

Atentado suicida em Casablanca, cerca das 22 horas locais, num cibercafé, três anos após os atentados de Madrid. Os suicidas (morreram) eram de Sidi Moumen, Casablanca e provocaram três feridos, incluindo o proprietário.

**10 de Abril**

Uma grande operação policial contra militantes islâmicos radicais (na sequência dos ataques de Março) terminou com o suicídio de três suspeitos, que se fizeram explodir e um quarto, foi morto a tiro pela polícia, quando tentava detonar o seu dispositivo. Um agente da polícia morreu com as explosões.

**14 de Abril**

Dois bombistas suicidas atacaram o Centro Cultural e o Consulado dos Estados Unidos, em Casablanca. Uma mulher foi ferida, quando passava nas imediações.

**14 de Agosto**

Atentado frustrado em Meknès, quando um bombista suicida atacou um autocarro turístico, mas a explosão decepcionou-lhe o braço, sem ferir mais ninguém.

**NOTAS:**

---

<sup>1</sup> Major de Infantaria da Guarda Nacional Republicana. Licenciado em História.

<sup>2</sup> Magrebe, designação que decorre da expressão “Al-Maghrib” “a terra do poente” em relação ao território da Arábia – região que se situa entre o Oeste do vale do Nilo e o Oceano Atlântico – inclui Marrocos, Argélia, Líbia, Mauritânia e Tunísia. Sampayo, Mariana, Magrebe Árabe: uma unidade possível, Porto, Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Novembro 2000, pág. 13.

<sup>3</sup> WAHHAB: o «purificador» da fé - Muhammad ibn Wahhab pode ser considerado o primeiro «fundamentalista» moderno. Era um negociante de camelos, de Uaynad, próximo de Meca, na antiga província otomana de Hejaz, actual Arábia Saudita. Depois de ter estudado no Iraque e na Pérsia, Wahhab instalou-se em Meca, onde pregou que os Otomanos e seus colaboradores tinham «usurpado» o lugar dos guardiões da Caaba e se «tomaram pagãos». Wahhab via-se a si próprio como um defensor da purificação da religião e de um regresso às tradições da escola sunita Hanbalita, rejeitando o hanafismo dos Otomanos. Começou então a propagar a sua versão austera do Corão às tribos da Arábia que vinham em peregrinação a Meca. Em pouco tempo ele conseguiu juntar um pequeno, mas dedicado, grupo de wahhabitas. Capturou o quartel-general do governador da cidade e assassinou-o, destruindo os depósitos de vinho que ele guardava em caves. Procurou depois formar uma confederação tribal, começando com uma importante aliança com Abdel Aziz ibn Saud, o emir da região de Nedj, no Centro da Arábia. A aliança consolidou-se à maneira tradicional, com o casamento de Wahhab, pouco antes da sua morte, em 1787, com uma filha de Ibn Saud. A liderança do movimento wahhabita passou assim para Ibn Saud e o seu clã. Em estado de permanente rebelião com os Otomanos até conquistarem toda a península arábica e proclamarem o reino da Arábia Saudita (em 1934), foram estes que impuseram a versão hanbalita da Shari'a. Hoje, o wahhabismo é a fonte de legitimidade da família no trono em Riade. Lopes, Margarida Santos, Dicionário do Islão, Lisboa, Editorial Notícias, 1ª edição, Fevereiro de 2002, pág. 170.

<sup>4</sup> SUFISTA é o «relativo ou pertencente ao sufismo» segundo José Pedro Machado, em *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Sufi é uma palavra árabe e deriva de outra, suf, com o significado de lã, numa referência ao vestuário dos primeiros ascetas islâmicos. Um sufi é um místico muçulmano que baseia o seu misticismo no Corão. O islamólogo francês Dominique Sourdel descreve o sufismo como «movimento autenticamente muçulmano, apesar das influências que sofreu ao longo da sua evolução». Apoia-se numa tendência corânica e posta de lado pelo Islão oficial, e tende a desenvolver os valores espirituais implicados

pelo dogma, mas não incluídos na sua formulação. O reconhecimento da onipotência divina absoluta requer, observa Sourdel, a prática de virtudes morais, tais como a aceitação confiante do decreto divino (*tawakrol*). Além disso, o Corão prescreve ou recomenda diversas formas de ascese, que permitem ao homem purificar o seu coração a fim de aceder ao agrado mútuo entre Deus e a alma. Esta «aproximação» de Deus estimula uma tendência mística, apoiada na existência de uma comunicação prévia entre Deus e a criatura e fortalecida por um amor recíproco entre Deus e o homem. Exponentes deste misticismo islâmico são Hassan al-Basri (séculos VII-VIII), Al-Bistami (século IX), Al-Halladj (séculos IX-X), Ibn al-Arabi (século XIII) e Jalal al-Din Rumi (século XIII). Estima-se que três por cento dos 1200 milhões de muçulmanos pertençam a esta corrente mística, cujas confrarias estão implantadas na Ásia, Europa e África. LOPES, Margarida Santos, *op. cit.*, pp. 154-155.

<sup>5</sup> Boukhars, Anouar, «The Origins of Militancy and Salafism in Morocco», in The Jamestown Foundation, Terrorism Monitor, Vol. 3, n.º 12, Washington, 17/06/2005, acessível em [http://www.jamestown.org/terrorism/news/article.php?issue\\_id=3373](http://www.jamestown.org/terrorism/news/article.php?issue_id=3373), consultado em 07/05/2008.

<sup>6</sup> Maghraoui, Abdeslam, Tras la conexión terrorista marroquí: políticas estatales y wahabismo saudí, in Real Instituto Elcano, área: Defensa y Seguridad/Terrorismo Internacional, ARI Nº 63/2004 de 07/04/2004, consultado em 14/05/2008 e acessível em <http://www.realinstitutoelcano.org/wps/wcm/connect/resources/file/ebd6cc4a6614394/ARI-63-2004-E.pdf?MOD=AJPERES>.

<sup>7</sup> JIHAD: esforço da alma ou guerra santa – A palavra *jihad* deriva da raiz trilítera J-H-D (de onde provém também a palavra muJaHiDin), segundo a explicação de Fernando Branco Correia, do Gabinete de Estudos Árabes do Departamento de História da Universidade de Évora. Pode significar «esforçar-se por», «batalhar», «aplicar-se», mas também «ir ao limite do possível, não excluindo, porém, a possibilidade de haver luta. Adalberto Alves, em *Portugal e o Islão - Escritos do Crescente*, também salienta que, etimologicamente, *jihad* radica no conceito de «esforço». «Uma tradição [...] do Profeta, que regressava de uma campanha contra inimigos exteriores, distingue entre a "grande guerra santa" e a "pequena guerra santa", privilegiando a primeira como a luta que o homem trava com a sua alma em direcção ao Criador.»

O islamólogo francês Dominique Sourdel, por seu turno, refere que *jihad* não é um dever pessoal mas um «dever solidário», cuja concepção não foi fixada senão após a morte de Maomé. A *jihad* não é, de um modo geral, considerada uma das obrigações fundamentais dos muçulmanos. Assumida como «guerra santa» por um número restrito de membros da Comunidade (Umma), ela deve ser dirigida contra «os povos infiéis vizinhos do território do Islão», mas só depois de eles se recusarem à conversão. Em todo o caso, os judeus e os cristãos, na qualidade de Povos do Livro, gozam de um «estatuto privilegiado» e conservam o «livre exercício do seu culto». Lopes, Margarida Santos, *op. cit.*, pág. 93.

<sup>8</sup> Idem. *Ibidem*.

<sup>9</sup> SHAR'IA ou SHARIA (lê-se *xâria*, como Maria) é a lei do Islão ou o direito muçulmano. Baseia-se em «fontes directas» - o Alcorão; a Suna ou tradição religiosa; a *ijma* ou consenso da Comunidade dos Crentes; e as *qiyas* ou interpretação criadora/raciocínio por analogia - e em «fontes indirectas»: *ijtihâd* ou esforço de investigação pessoal que conduz a uma interpretação da lei; *fatwa* ou édito/decreto interpretativo/orientativo; e *fiqh* ou ciência jurídica. Lopes, Margarida Santos, *op. cit.*, pág. 152.

<sup>10</sup> Maghraoui, Abdeslam, *op. cit.*.

<sup>11</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>12</sup> RIDDA - após a morte de Maomé, eclodiu na Arábia uma guerra da *ridda* ou da apostasia. Muitas tribos julgaram que o seu contrato e contacto com o Islão terminara com o desaparecimento do Profeta. A maioria dessas tribos foi derrotada quando Abu Bakr sucedeu ao Mensageiro de Alá e se tornou no primeiro califa. Outras tribos que, no tempo de Maomé, não aderiram à nova fê foram forçadas à conversão. Margarida Santos, *op. cit.*, pág. 141.

<sup>13</sup> KAFIR (plural *kuffār*) é uma palavra árabe que significa "rejeitar". Na doutrina islâmica, este termo, refere-se a uma pessoa que não reconhece Deus (Alá) ou a profecia de Maomé (ou seja, qualquer não-muçulmano), ou que esconde, nega, nem abrange a verdade. Em termos culturais, é visto como uma expressão depreciativa, usada para descrever os incrédulos, os não-muçulmanos, apóstatas do Islão, e mesmo entre os muçulmanos de diferentes correntes. É usual ser traduzido, como "infiel" ou "não crente". Cfr. Kafir, in Wikipedia, acessível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Kafir>, consultado em 25/05/2008.

<sup>14</sup> GHAZW ou Ghazah (plural *ghazawāt*) era originalmente um termo árabe, que se referia às batalhas em que o profeta Maomé participou. Desde então, tem sido associado ao combate associado à expansão do território muçulmano. Cfr. Ghazw in Wikipedia, acessível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Ghazw>, e The Language of Religion - Dictionary and Research Guide, acessível em <http://www.123exp-beliefs.com/t/00801011185/>.

<sup>15</sup> Maghraoui, Abdeslam, *op. cit.*.

---

<sup>16</sup> De Arístegui, Gustavo, *La Yihad en España – la obsesión por reconquistar Al-Andalus*, Madrid, La Esfera de los Libros, 2005, pp. 291 a 295.

<sup>17</sup> SALAFIYYA: a doutrina do terror – A palavra árabe *salafiyya* (salafistas) tem adquirido uma série de significados culturais e religiosos ao longo dos anos. Deriva de outro termo árabe, *aslaf* (*salaf* no singular), que significa basicamente «antepassados» ou «predecessores». A referência a «antepassados» consta de um documento encontrado pela polícia federal norte-americana (FBI) na bagagem de Mohamed Atta, um dos piratas do ar suicidas que se fez explodir contra o World Trade Center, em Nova Iorque, e o Pentágono, em Washington, no dia 11 de Setembro de 2001. O texto de Atta não faz qualquer menção à política moderna – os salafistas querem regressar aos primórdios do Islão e imitar a primeira geração de muçulmanos. Apenas tem citações exactas do Corão – 19 em apenas quatro páginas. Os investigadores de pelo menos nove países que andam a perseguir militantes da organização terrorista de Osama bin Laden, Al-Qaeda, também têm encontrado uma conexão salafista em cada caso. Desde Dezembro de 2000, refere o diário britânico *The Guardian*, quatro grupos interligados foram identificados ou, parcialmente, desmantelados, além da célula de Hamburgo, que se crê estar envolvida nos atentados em Nova Iorque e Washington. Três grupos, com bases na Alemanha, Itália e Espanha, pertencerão ao GSPC. Este movimento, «absorvido pela Al-Qaeda», segundo um investigador, é dissidente do GIA, responsabilizado pelos mais terríveis massacres na Argélia. Na sua direcção está Hassan Hattab, ex-emir (comandante) da segunda região does) GIA. Hattab, assegura o *The Guardian*, fez parte da liderança que ordenou os sangrentos ataques terroristas cometidos em Paris em 1995. Uma quarta célula, também salafista, dirigida por Djamel Berghal, um franco-argelino preso no Dubai em Julho de 2001, teria recrutado activistas na França, Bélgica, Holanda e Grã-Bretanha. Terá emanado de um outro grupo envolvido na guerra argelina, Al-Tawfir wa al-Hijira (Excomunhão e Auto-exílio). Se ficar provada a ligação entre os salafistas e Bin Laden, será enorme o embaraço para a Casa de Saud, já que a família real tem investido grandes quantias de dinheiro na propagação destas ideias no estrangeiro. Refere o *The Guardian* que o principal «centro de estudo e exportação» do salafismo é a Universidade Islâmica de Medina, na Arábia Saudita, fundada pelo rei em 1961. O ensino nesta universidade é ultraconservador e muitos dos seus cinco mil alunos de 139 países deixam-se atrair por grupos extremistas quando se apercebem da contradição entre a vida modesta dos primeiros crentes e a opulência dos seus governantes. Além disso, depois de formados, muitos estudantes de Medina não têm acesso a outras profissões que não a de professores de religião. A historiadora argelina Séverine Labat precisa que a *salafiyya* combina elementos retirados dos escritos de Ibn Taymiyya, um teólogo do século XIII e de reformistas do século XIX, assim como da obra de Sayyid Qutb, o ideólogo da Irmandade Muçulmana egípcia, para reler politicamente a era idealizada por Maomé. A *salafiyya* também se inspira na corrente *wahhabita*, preconizando um regresso sem mediação às primeiras fontes do Islão, autorizando os crentes a fazer a sua própria interpretação dos textos «revelados». O «neo-salafismo», a que se refere Labat, defende uma estrita imitação dos gestos de Maomé, reproduzindo e impondo hábitos do Profeta, incluindo os detalhes mais ínfimos da vida quotidiana, como o uso da barba, da túnica e do turbante, ou fazer preceder o pé esquerdo do pé direito (que é impuro) para entrar em qualquer lugar. Do ponto de vista político, os «neo-salafistas» aspiram à edificação de um Estado islâmico e à restauração do califado, que vêem como garantia para o Islão derrotar o mundo ocidental. Os primeiros grupos salafistas foram os *Sahaba* (Companheiros), que realmente conheceram o Profeta, e os *Tabi'un* (Seguidores), a geração seguinte. Eles consideravam Maomé o paradigma do exemplo religioso a imitar. Paradoxalmente, *Al-Salafiyya* era também o nome de um movimento reformista egípcio cujos fundadores foram Muhammad 'Abdu e 'Al-Afghani. Eles tentaram, designadamente, identificar uma «via intermédia» entre os rígidos códigos do Islão e as ideias de uma sociedade moderna e secular. Lopes, Margarida Santos, *op. cit.*, pp. 146-147.

<sup>18</sup> A SALAFIYA JIHADIYA não é uma entidade terrorista, mas antes uma denominação, traduzida como «salafismo combatente», que agrupa vários grupos originários de Marrocos e defendem a reconstrução do Califado, mas ao contrário da Justiça e Caridade acredita que este objectivo nunca será alcançado por meios pacíficos. Os líderes espirituais da *Salafiya Jihadiya* são os egípcios Sayyid Qutb e Omar Abdel Rahman, o clérigo jordano-palestiniano Abu Qatada e o próprio Bin Laden. Fundada no início dos anos noventa por voluntários marroquinos que regressavam do Afeganistão, a rede contou na sua origem com doze líderes, entre os quais se destacavam Mohamed Fezzani em Tânger, Omar el Hadduchi em Tetuán e Zakariyya Miloudi em Casablanca, este último considerado o chefe supremo do grupo. Ao longo da última década a rede foi consolidada através de recrutamento cuidadoso nos subúrbios das grandes cidades, criando células de três ou quatro activistas que começaram a receber treino militar em acampamentos de vários países. Cfr. Jesús, Carlos Echeverría, «El radicalismo islamista en el Magreb: desarrollos recientes de un terrorismo persistente», in Grupo de Estudios Estratégicos, Colaboraciones nº 885, 7/04/2006, acessível em <http://www.gees.org/pdf/2345/>, consultado em 05/05/2008.

<sup>19</sup> MUJAHEDIN é o plural, em árabe, de *mujahid*, ou seja, combatentes da *jihad* ou da «guerra santa». Diversos grupos islamistas atribuíram-se a si próprios a designação de *mujahedin*, sobretudo no Irão (o maior

grupo de resistência armada ao regime chama-se Mujahedin-i Khalq ou Combatentes do Povo) e no Afeganistão. LOPES, Margarida Santos, Dicionário do Islão, Lisboa, Editorial Notícias, 1ª edição, Fevereiro de 2002, pág. 115. *Fedayin* é o plural, em árabe, de *feday*. Significa combatente disposto ao sacrifício de si próprio por uma causa. Ao contrário de outros guerrilheiros, como os iranianos e os afegãos que se autodesignam mujahedin, os palestinianos que iniciaram a revolta contra a ocupação israelita adoptaram para eles o termo *fedayin*. Talvez porque o carácter da sua luta fosse (inicialmente) mais laico do que islamista. Lopes, Margarida Santos, *op. cit.*, pág. 67.

<sup>20</sup> Boukhars, Anouar, *op. cit.*.

<sup>21</sup> Jesús, Carlos Echeverría, *op. cit.*, acessível em <http://www.gees.org/pdf/2345/>, consultado em 05/05/2008.

<sup>22</sup> González, Marcos R. Pérez, «Nueva Percepción del Islamismo en el Magreb, está Europa Preparada Para Hacerle Frente?», in Grupo de Estudios Estratégicos, Colaboraciones nº 852, 20/03/2006, acessível em <http://www.gees.org/articulo/2273/>, consultado em 06/05/2008.

<sup>23</sup> Marret, Jean-Luc, «Les réseaux jihadistes marocains: entre devenir politique du Maroc et Europe», in Fondation pour la Recherche Stratégique, Paris, 20/10/2005, consultado em 07/05/2008, acessível em [http://www.frstrategie.org/barreCompetences/terrorisme/reseaux\\_jihadistes\\_marocains.pdf](http://www.frstrategie.org/barreCompetences/terrorisme/reseaux_jihadistes_marocains.pdf).

<sup>24</sup> Guidère, Mathieu, Al-Qaida à la conquête du Maghreb – Le Terrorisme aux Portes de l’Europe, Monaco, Édition du Rocher, Agosto de 2007, pág. 187.

<sup>25</sup> Maghraoui, Abdeslam, *op. cit.*.

<sup>26</sup> Cfr. De Aristegui, Gustavo, *op. cit.*, pp. 296 a 297. Para mais informação cfr. A Year after Iraq War - Mistrust of America in Europe Ever Higher, Muslim Anger Persists, A Nine-Country Survey, The Pew Research Center for the People & the Press, Washington, 16/03/2004, acessível em <http://pewglobal.org/reports/pdf/206.pdf>.

<sup>27</sup> Darif, Mohamed, El Grupo Combatiente Marroquí, Madrid, Real Instituto Elcano, Área: *Defensa y Seguridad /Terrorismo Internacional*, ARI nº 51/2004 edição de 23/3/2004, acessível em <http://www.realinstitutoelcano.org/analisis/453/ARI-51-2004-E.pdf>, consultado em 05/05/2008.

<sup>28</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>29</sup> Peshawar é uma cidade do Paquistão, capital da província da Fronteira Noroeste. Segundo Gustavo de Aristegui, Peshawar é a capital mundial do jihadismo. De Aristegui, Gustavo, *op. cit.*, pág. 191.

<sup>30</sup> No mundo islâmico clássico, explica Fernando Branco Correia, do Gabinete de Estudos Árabes da Universidade de Évora, TALIB ou TALIBAN significa apenas «estudante». As terminações em *-un*, *-an* e *-in* são, em muitas situações, desinências de casos (respectivamente, nominativo, acusativo e genitivo - embora em plurais especiais *-an* sirva, em simultâneo, para acusativo e genitivo). Actualmente, a segunda forma aplica-se sobretudo aos estudantes de «ciências religiosas» ou de «teologia». A raiz de talib é T (enfático)-L-B e está relacionada com a acção de «pedir», «procurar» (a sabedoria, a verdade). Os taliban afegãos são um movimento que apareceu em 1994, no meio do caos e da guerra civil no Afeganistão. Provêm das escolas corânicas na fronteira com o Paquistão e o seu líder era o Mullah Omar, um homem «tímido, reservado e sem carisma», segundo o definiu ao Público o jornalista Ahmed Rashid, da Far Eastern Economic Review. Omar, acrescenta o autor do livro Taliban: Islam, Oil and the New Great Game in Central Asia, «não é culto, não viajou, nem mesmo dentro do seu país, nunca visitou o Norte do Afeganistão, nem Herat, por exemplo. É homem de capacidades muito limitadas [...] escolhido para Líder dos Fiéis, entre 30, não pelas suas habilitações, mas pela sua religiosidade». LOPES, Margarida Santos, *op. cit.*, pág. 158.

<sup>31</sup> Darif, Mohamed, *op. cit.*.

<sup>32</sup> Mullah, é uma palavra que deriva do árabe *mawla* e significa «mestre». É usado como título de respeito por várias figuras religiosas e juristas no Irão e em algumas zonas da Ásia. Lopes, Margarida Santos, *op. cit.*, pág. 115.

<sup>33</sup> Darif, Mohamed, *op. cit.*.

<sup>34</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>35</sup> Estes grupos aderentes ao salafismo *jihadista*, encaixam na categoria das “redes *jihadistas* de base”. Cfr. Ibáñez, Luís de la Corte, Jordan, Javier, La Yihad Terrorista, Madrid, Editorial Síntesis, S.A., 2007, pág. 185.

<sup>36</sup> Este predicador radical foi detido em Tânger, em fins de Maio de 2003, acusado de ser um dos teóricos do salafismo combatente. Foi posteriormente condenado a trinta anos de prisão, por ter inspirado os atentados de Casablanca, em 16 de Maio de 2003. Cfr. Pardo, Mauricio Rubio, Los terroristas de origen magrebí en el yihadismo internacional: su activismo en Europa y en el mundo, Instituto Universitario de Investigación sobre Seguridad Interior, Madrid, Janeiro de 2005, consultado em 02/05/2008, acessível em <http://www.uned.es/investigacion/publicaciones/Cuadernillo%20Enero05.pdf>.

<sup>37</sup> Jesús, Carlos Echeverría, «Los terroristas de origen magrebí en el yihadismo internacional - su activismo en Europa y en el mundo», in Instituto Universitario de Investigación sobre Seguridad Interior - IUISI, Madrid, Informação nº 9, Janeiro de 2005, consultado em 15/05/2008, disponível em <http://www.uned.es/investigacion/publicaciones/Cuadernillo%20Enero05.pdf>.

- <sup>38</sup> Para mais informação cfr. Faria, José Augusto do Vale, «História Concisa do Terrorismo, Parte III», in *Jornal de Defesa e Relações Internacionais*, 28/03/2008, acessível em [http://www.jornaldefesa.com.pt/conteudos/view\\_txt.asp?id=580](http://www.jornaldefesa.com.pt/conteudos/view_txt.asp?id=580).
- <sup>39</sup> Para mais informação cfr. Faria, José Augusto do Vale, Nova era *Jihadista* no Magrebe, revistas da GNR “Pela Lei e Pela Grei”, Lisboa, n.º 75, pp. 45 a 55 e n.º 76, pp. 52 a 58, ambas de 2007, ou *Jornal de Defesa e Relações Internacionais*, 17/01/2008, acessível em [http://www.jornaldefesa.com.pt/conteudos/view\\_txt.asp?id=546](http://www.jornaldefesa.com.pt/conteudos/view_txt.asp?id=546).
- <sup>40</sup> Darif, Mohamed, *op.cit.*.
- <sup>41</sup> Idem, *ibidem*.
- <sup>42</sup> De Arístegui, Gustavo, *op. cit.*, pág. 317.
- <sup>43</sup> Implementadas pelo Serviço de Informação Soviético, KGB. Para mais informação cfr. «Sleeper Cells», in *Global Security.org*, acessível em <http://www.globalsecurity.org/military/world/para/al-qaida-sleeper-cells.htm>.
- <sup>44</sup> EMIR - No mundo muçulmano clássico, um emir é um «senhor» com poder. O Bahrein e o Qatar, por exemplo, são governados por príncipes que são emires. Actualmente, o termo também se aplica aos «chefes» de grupos políticos ou militares, sobretudo os islamistas e, em particular, os da Argélia. Lopes, Margarida Santos, *Dicionário do Islão*, Lisboa, Editorial Notícias, 1ª edição, Fevereiro de 2002, p. 63.
- <sup>45</sup> Darif, Mohamed, *op.cit.*.
- <sup>46</sup> Significa consulta, conselho ou órgão consultivo. Ainda hoje, nos países árabes que não aceitam parlamentos, o mínimo que os governantes absolutos toleram é um *shura*, ou assembleia consultiva. Lopes, Margarida Santos, *op. cit.*, pág. 153.
- <sup>47</sup> Darif, Mohamed, *op.cit.*.
- <sup>48</sup> «Marruecos: los nuevos muyahidines» publicado in ABC, Madrid, edição de 19/06/2005, acessível em <http://www.belt.es/noticias/2005/julio/06/muyahidines.asp>, consultado em 06/05/2008.
- <sup>49</sup> Também conhecido por Abu Abderramán, após a sua conversão ao Islão na Turquia. É um dos emires da *Salafiya Jihadiya*, considerado um elo de ligação entre os suicidas de Casablanca e a Al-Qaeda. Foi detido em 3 de Junho de 2003 em Tânger. Cfr. Pardo, Mauricio Rubio, *op. cit.*.
- <sup>50</sup> Darif, Mohamed, *op.cit.*.
- <sup>51</sup> Idem, *ibidem*.
- <sup>52</sup> Em 3 de Abril de 2003, três semanas após o 11-M, as escutas aos cartões pré-pagos usados pelos terroristas nos atentados bombistas levaram aos investigadores até um edifício no n.º 40, na rua Carmen Martín Gaité, na localidade madrileña de Leganés. Os terroristas quando detectaram que estavam cercados pelas forças de segurança, sete terroristas imolaram-se, matando um operacional do Grupo Especial de Operaciones do Corpo Nacional de Polícia (o subinspector Javier Torrontera foi a 192 vítima dos atentados de Madrid e a primeira baixa do GEO), que esteve envolvida na operação, para além de danos materiais consideráveis. Entre os destroços do edifício foram encontrados, entre outras coisas, 17 quilos de explosivos Goma 2 Eco em duas mochilas, 228 detonadores de cobre e um vídeo reivindicando o ataque. Antes da explosão, um dos islamistas, Abdelmajid Boucher, conseguiu fugir, sendo posteriormente detido na Sérvia, no Verão de 2005. Para mais informação Cfr. «Los Suicidas de Leganés», in 11-M Masacre en Madrid, documento elmundo.es, El Mundo, Madrid, 06/11/2006, acessível em <http://www.elmundo.es/documentos/2004/03/espana/atentados11m/suicidas.html>, consultado em 05/05/2008.
- <sup>53</sup> “Antes morrer do que cair nas mãos da polícia”, é o conselho transmitido a todos os militantes da Al-Qaeda, em todos os fóruns na internet. Cfr. Guidère, Mathieu, *op. cit.*, pág. 200.
- <sup>54</sup> Para mais informação cfr. Cebrián, Sergio, «Mohamed Darif, experto en islamismo: “Nos enfrentamos a una ideología, el salafismo combatiente”», in Marruecos Digital, 01/06/2005, acessível em <http://www.marruecosdigital.net/xoops/modules/wfsection/article.php?articleid=242>, aceso a 06/05/2008.
- <sup>55</sup> Idem, *ibidem*.
- <sup>56</sup> Darif, Mohamed, «Nos enfrentamos a una ideología, el salafismo combatiente», in Marruecos Digital, Espanha, 01/06/2005, consultado em 20/05/2008, acessível em <http://www.marruecosdigital.net/xoops/modules/wfsection/article.php?articleid=242>.
- <sup>57</sup> Cfr. Irujo, José Maria, La secta yihadista del 11-M, in El País, Madrid, 19/12/2005, acessível em [http://www.elpais.com/articulo/espana/secta/yihadista/11-M/elpepiesp/20051219elpepinac\\_1/Tes](http://www.elpais.com/articulo/espana/secta/yihadista/11-M/elpepiesp/20051219elpepinac_1/Tes).
- <sup>58</sup> Cfr. Oroquieta, Fernando José Vaquero, «Conferencia en Zaragoza: “Orígenes del yihadismo marroquí y su proyección en Europa”», in Blog Crónicas Navarras, 04/04/2006, acessível em <http://cronicasnavarras.blogia.com/2006/040427-conferencia-en-zaragoza-origenes-del-yihadismo-marroqui-y-su-proyeccion-en-europ.php>, consultado em 06/05/2008.
- <sup>59</sup> Marrocos abre a lista dos «Grandes Mártires» seleccionados pela Al-Qaeda, com o denominado Abou Oussama Al-Maghribi – le Marocain, publicado no n.º 1 da revista *Siyar*. Cfr. Guidère Mathieu, Les Martyrs d’Al-Qaida – au coeur de la propagande terroriste, Nantes, Éditions du Temps, 2006, pp. 9 e 33 a39.

---

<sup>60</sup> Guidère, Mathieu, *op. cit.*, pág. 185.

<sup>61</sup> Pozuelo, E. Martín de, «"Ceuta y Melilla están entre los próximos objetivos de Al Qaeda", entrevista a Baltasar Garzón, juiz da Audiencia Nacional», in *La Vanguardia*, Barcelona, 12/04/2007, consultado em 30/05/2008, acessível em <http://www.lavanguardia.es/gen/20070412/51327529898/noticias/ceuta-y-melilla-estan-entre-los-proximos-objetivos-de-al-qaeda-argelia-europa-marruecos-africa-peninsula-iraq-audiencia-nacional-baltasar-garzon-mali.html>.

<sup>62</sup> Para mais informação cfr. Villarejo, Esteban, «Al Qaida compara la situación de Ceuta y Melilla con la de Chechenia o Palestina», in *ABC*, Madrid, 15/04/2007, consultado em 31/05/2008, acessível em [http://www.abc.es/hemeroteca/historico-15-04-2007/abc/Nacional/al-qaida-compara-la-situacion-de-ceuta-y-melilla-con-la-de-chechenia-o-palestina\\_1632544116016.html](http://www.abc.es/hemeroteca/historico-15-04-2007/abc/Nacional/al-qaida-compara-la-situacion-de-ceuta-y-melilla-con-la-de-chechenia-o-palestina_1632544116016.html).

<sup>63</sup> Este bairro pode-se considerar um *ghetto*, onde habitam cerca de doze mil pessoas, quase metade da população muçulmana de Ceuta. Para mais informação cfr. Jordán, Javier e Trujillo, Humberto, «Entornos favorables al reclutamiento yihadista El barrio del Príncipe Alfonso, Ceuta», in *Athena Intelligence Journal*, Volume 1, Número 1 (Outubro - Dezembro, 2006), consultado em 02/05/2008, acessível em <http://www.athenaintelligence.org/op3.pdf>.

<sup>64</sup> Cfr. Guitta, Olivier, «The next battlefield: Ceuta and Melilla?» in *Middle East Times*, Washington, 19/05/2008, consultado em 02/06/2008, e acessível em [http://www.metimes.com/International/2008/05/19/the\\_next\\_battlefield\\_ceuta\\_and\\_melilla/2679/](http://www.metimes.com/International/2008/05/19/the_next_battlefield_ceuta_and_melilla/2679/).

<sup>65</sup> Irujo, Jose Maria, «El atentado que anhela Osama», in *El País*, Madrid, 22/04/2007, consultado em 31/05/2008 e acessível em

[http://www.elpais.com/articulo/espana/atentado/anhela/Osama/elpepunac/20070422elpepinac\\_2/Tes](http://www.elpais.com/articulo/espana/atentado/anhela/Osama/elpepunac/20070422elpepinac_2/Tes).

<sup>66</sup> Guitta, Olivier, *op. cit.*.

<sup>67</sup> Dados coligidos em Venzke, Ben, «Morocco Casablanca Bombings (MCB) v1.1», in *IntelCenter*, Alexandria - EUA, 17/05/2003, acessível em <http://www.intelcenter.com/MCB-v1-1.pdf>; e Guitta, Olivier, «Recent Islamist terrorism in Morocco» in *Counterterrorismblog*, Washington, 02/04/2007, acessível em <http://counterterrorismblog.org/mt/pings.cgi/3835>; «Country Reports on Terrorism 2007», in U.S. State Department, Washington, 30/04/2008, acessível em <http://www.state.gov/s/ct/rls/crt/2007/103708.htm>, todos consultados em 08/05/2008.